

A flor do sertão: imagens femininas em *A Violeta*

Carlos Alexandre Barros Trubiliano
Carlos Martins Júnior

Resumo: O Estado Novo (1937-1945) foi um período de significativas mudanças para o Mato Grosso. O programa de colonização intitulado Marcha para Oeste, anunciado pelo Presidente Vargas, em 1937, renovou não só as perspectivas de desenvolvimento para o Estado, mas, ao mesmo tempo, abriu a possibilidade da chegada de novos agentes sociais. Levando-se em consideração essa configuração e que, sobretudo na primeira metade do século XX, os jornais se apresentavam como espaços privilegiados nos quais as elites dominantes travavam seus embates, expressavam pontos de vista políticos e emitiam seus projetos de desenvolvimento econômico e ordenamento da sociedade, este trabalho centrou no estudo sobre a revista mato-grossense *A Violeta* entre 1937-1945, observando especificamente a maneira como a imprensa representava as mulheres, por que e de que maneira eram reproduzidas tais representações e qual o lugar social de sua produção.

Palavras-chave: Imprensa. Mulher. Identidade. Representação. História.

Abstract: The New State (1937-1945) was a period of significant changes for the state of Mato Grosso. The so called '*Marcha para Oeste*' settlement program, which was announced by President Vargas in 1937 renewed not only

Carlos Alexandre Barros Trubiliano. Mestre/SED. trubiliano@hotmail.com
Carlos Martins Júnior. Doutor/UFMS. cmartins@dr.com

the perspectives of development for the state but at the same time opened the possibility for new social agents' arrivals. In the first half of the twentieth century newspapers were privileged spaces for the dominant elites to defend their theories, express political points of view, and present their projects of economical development and society order. Considering this configuration, this work is centered on the study of the Mato Grosso magazine '*A Violeta*' (1937-1945) specifically observing the way press represented women, why and in which way representations were re-produced and what was the social place of that production.

Keywords: Press. Woman. Identity. Representation. History.

Discutir periódicos femininos como *A Violeta* é pensar sobre as configurações identitárias femininas construídas na imprensa do século XX. Essas podem ser entendidas como produtos de convenções e estruturas de legitimação socialmente construídas e historicamente localizadas, que não apenas refletem as visões de mundo dos agentes envolvidos em sua construção, mas também contribuíram para a construção das identidades e da memória social da época.

No entanto, para que seja possível discutir o papel desses meios de comunicação na normatização de um modelo feminino, é necessário entender o seu uso, não apenas para transmitir informação e conteúdo simbólico, mas principalmente considerar que o uso desses meios implica na transformação das interações sociais e, muitas vezes, no surgimento de novas formas de práticas sociais. Segundo o cientista social John B. Thomson, "de um modo fundamental, o uso dos meios de comunicação transforma a organização espacial e temporal da vida social, criando novas formas de ação e interação, e novas maneiras de exercer o poder,

que não está mais ligado ao compartilhamento local comum”.¹

Sendo assim, é importante não perder de vista que o processo de formação ou configurações identitárias se tornou mais reflexivo e aberto com o desenvolvimento das sociedades modernas, na medida em que, para construir uma identidade coerente para si mesmos, os indivíduos dependem cada vez mais da alteridade². Concomitantemente, estes processos são cada vez mais alimentados por formas simbólicas mediadas, que expandem as opções disponíveis, à medida que enfraquecem a conexão com o local, pois permitem o acesso crescente a um conhecimento não local. Contudo, é preciso considerar que a identidade, ou melhor, as configurações identitárias, não são produtos de sistemas simbólicos externos, nem entidades fixas. Pelo contrário, são projetos que o indivíduo constrói ativamente com os materiais simbólicos a que tem acesso e com os quais “vai tecendo uma narrativa coerente da própria identidade”³, a qual se modifica com o tempo, à medida que novas experiências são vividas, gradualmente redefinindo a identidade.

Para pensar a produção dos periódicos femininos citados, recorreu-se a algumas perspectivas de Theodor Adorno que, ao analisar a cultura popular, assinala o caráter da repetição, da mesmice e da ubiqüidade. Tal fato, ao invés de acelerar o processo de conscientização, transforma-se em meio de controle psicológico, minimizando as forças de resistência individual, tornando o indivíduo automatizado.⁴ A fim de corresponder às expectativas de um público supostamente desiludido, atento e calejado, será esse o modelo que as publicações populares, dirigidas principalmente à mulher, irão empregar.⁵

Nas receitas que prescreve, a imprensa feminina não altera os princípios do conformismo e convencionalismo, dando já prontas ao público soluções para seus conflitos. O cotidiano da mulher é captado por tais publicações e as leitoras, muitas vezes, acabam se

¹ THOMSON, John. B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p.14.

² GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p.29.

³ THOMSON, John. B. *Op. cit.*, p. 183.

⁴ ADORNO, Theodor. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel (Org.). *Comunicação e indústria cultural: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e cultura de massa nessa sociedade*. São Paulo: Nacional, 1975. p. 293.

⁵ NUNES Aparecida Maria. Uma História mal contada: A imagem da mulher nas publicações populares. Publicado em CD-ROM, *XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação*. Campo Grande, MS. setembro, 2001.

identificando naquelas páginas, na conversa mansa, no retrato do seu dia-a-dia.

Muitos dos assuntos tratados pelos periódicos dedicados à mulher são reinterpretados conforme os padrões de comportamento vigentes, falam de trivialidades. São receitas de bolo, cuidados com a beleza, conselhos sentimentais, notas de eventos. Enfim, um universo multifacetado que, apesar do caráter eclético, vive à margem do contexto jornalístico. Geralmente, as publicações dirigidas ao público feminino, acabam se transformando em um reflexo da vida cotidiana, da economia doméstica, das relações sociais, dos sonhos, dos desejos e das frustrações da mulher contemporânea.⁶

Nesse contexto, surgiu *A Violeta*, periódico de variedades que circulou em Cuiabá, nas cidades do interior Estado de Mato Grosso, bem como por algumas localidades do Brasil, durante a primeira metade do século XX, mais especificamente entre 1916 a 1950. Criado e mantido por uma associação literária feminina, o Grêmio Júlia Lopes de Almeida⁷, fundado na capital mato-grossense em 27 de abril de 1916, a revista fomentou parte da vida literária e intelectual da capital e do Estado durante o mesmo período.⁸

Em seu primeiro número, datado de 16 de dezembro de 1916, *A Violeta*, apresentava-se como: “o escrínio singelo que encerrará em cada uma das suas páginas os nossos primeiros ensaios na vida jornalística (...) a todas que conosco quiserem colaborar para o engrandecimento moral da nossa estremecida terra”⁹. Noutros, temos o periódico que pretendia ser um espaço para as novas escritoras iniciarem-se na profissão, na mesma medida que também se liga profundamente ao desígnio de moralizar a “estremecida terra” mato-grossense.

Segundo Yasmim Nadaf, a iniciativa da criação do Grêmio e da Revista, surgiu a partir de um grupo de estudantes normalistas da “Escola Normal de Mato Grosso”, em Cuiabá. Essas estudantes, ligadas a algu-

⁶ *Idem*. p.02.

⁷ Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), escritora e feminista, nasceu no Rio de Janeiro. Descendente de portugueses que se estabeleceram no Rio de Janeiro, onde Júlia aprendeu a ler com a mãe. Quando a família mudou-se para São Paulo, deu início à carreira literária. Escrevia constantemente matérias para diversos jornais. Partindo de um ponto de vista crítico, condenava, entre outras coisas, a escravidão, a violência sexual contra a mulher, a negação do voto feminino e a supremacia masculina. Foi atuante na defesa de seu ponto de vista, chegando a publicar diversos livros como *O livro das noivas*, 1896; *Livro das Donas e Donzelas*, 1906, entre outros.

⁸ O Grêmio foi criado em 26 de novembro de 1916 e o primeiro número de *A Violeta* foi publicado em 16 de dezembro do mesmo ano, em Cuiabá. *A Violeta*, 31/05/1935. p.2-5.

⁹ NADAF, Yasmim Jamil. Sob o signo de uma flor. *Estudo da revista A Violeta*, publicação do Grêmio “Júlia Lopes” – 1916 a 1950. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993, p. 23.

mas senhoras e senhoritas das elites cuiabanas, desejavam “cultivar as letras femininas e patricias”¹⁰. Portanto, já em sua fundação, *A Violeta* e o Grêmio ligavam a sua existência ao público leitor feminino e escolar, além de uma parcela também feminina da sociedade cuiabana que quisesse (ou tivesse condição) de cultivar as letras.

Inicialmente, a proposta de circulação de *A Violeta* foi bimensal, mas com o decorrer do tempo oscilou para a mensal e, posteriormente, à circulação de um número a cada quinzena, definido-se, a partir de 1920, pela circulação mensal, havendo, desde aí, dois números referentes ao mesmo mês somente nos casos de falhas de produção em algum mês anterior.¹¹

É interessante observar a estrutura física de *A Violeta* que, apresentando pequeno formato de brochura, 15x 23cm, em muito se assemelhava a um caderno escolar, livro de lições ou ainda a um diário íntimo, de uso muito comum das moças da época, em que, não raro, registravam poesias, provérbios e máximas de sua autoria ou de seus autores de preferência, escritos que também podiam ser encontrados nas páginas da revista.

Outro elemento importante a ser observado são as capas que, via de regra, publicava fotos de autoridades e personalidades ilustres estaduais e nacionais por ocasião de suas visitas a Mato Grosso, ou os homenageando em seus aniversários. Também há de se destacar a publicação de fotos registrando os festejos cívicos e militares. Além desta configuração, mas funcionando no mesmo sentido “instrutivo, útil e oficial”, mostrava-se também a ilustração de localidades públicas, como as igrejas, escolas, bibliotecas e praças.

A revista, sem diagramação sofisticada em seu formato e apresentação, é capaz de revelar a significação do novo papel da mulher, não mais restrito à esfera privada do lar, da intimidade familiar e conjugal, mas associado à esfera pública da sociedade. Contudo, é importante observar que nas páginas de *A Violeta* es-

¹⁰ NADAF, Yasmim Jamil. *Op.cit.*, 1993, p. 23.

¹¹ A periodicidade de publicação da revista variou nas décadas de 1930-1940, havendo números trimestrais e meses em que houve mais de um número. Mais dados sobre a periodicidade das publicações da revista em NADAF, Yasmim Jamil. *Op.cit.*

ses novos espaços de atuação feminina não dissociavam as mulheres dos papéis socialmente designados a elas: de obediente filha, dedicada esposa e virtuosa mãe. Como destacou Júlia Lopes de Almeida:

Não sei que haja, para uma mulher de coração, prazer comparável ao de criar seus filhos! Eu confesso, sinto um grande desvanecimento e um íntimo orgulho quando olho para o meu filho, criança robusta, que espalha por toda a casa o seu riso; e para a minha filhinha, que tem ainda o olhar dos que principiam apenas a viver (...) Não há mais nada encantador do que acompanhar o desenvolvimento de uma criança; e só a mãe pode seguir com atenção desde que crie, o desabrochar da inteligência e dos sentimentos de um filho (...) Ser mãe não é fácil, desde que a gente queira ser — como deve ser.¹²

¹² *A Violeta*. Cuiabá. Maio de 1941, p. 11.

Outro aspecto importante na estrutura das edições da Revista é sua abertura, que começa com uma *Chronica* abordando os mais diversos assuntos, desde comportamento até reivindicações de construção de obras públicas, e o seu fechamento com a seção Noticiário, que cumpre o roteiro fixo de relatar os acontecimentos sociais da capital e do Estado, tais como casamentos, visitas ilustres a Mato Grosso, viagens de personalidades das elites estadual, aniversários, nascimentos e notas de falecimentos.

Essa estrutura é significativa, uma vez que a vida real aparece tematizada na abertura e fechamento de cada número, haja vista que enquanto a *Chronica* tematizava reivindicações de progresso, o Noticiário pretendia descrever o cotidiano civilizado no sertão. No espaço entre essas duas seções, a variedade era grande, não havendo rigor no estabelecimento de seções.

Entretanto, durante o Estado Novo (1937-1945), constata-se a continuidade, o surgimento e o desaparecimento de alguns títulos. Em grande parte, eram artigos de entretenimento, que surgiram em determinado exemplar da revista e permaneceram temporari-

amente, alguns sucessivamente, outros mais esporadicamente. Dentre as seções editadas nesse período podem ser arroladas a seção “Perfil”. Surgida no número 3 da Revista, em janeiro de 1917, perdurando até agosto de 1941, essa seção trazia a descrição do perfil de um cuiabano ou cuiabana anônimos, cujo nome deveria ser desvendado pelo leitor¹³. Como exemplo disso temos a descrição de um perfil feito por Améri-ca Paes de Barros:

*Convidada a colaborar n'a A Violeta (...) procurarei ser fiel e clara na minha descrição (...) descrevendo o perfil de minha escolhida, a distinta senhorita: C.M.B. É uma creatura adorável, dotada de muitos atrativos e de uma perceptibilidade admirável (...) Tem uns olhos escuros e grandes aos quais superpõem umas sobrancelhas finas e arqueadas, dando uma expressão carinhosa e meiga ao seu olhar (...) Simples nos seus modos, traça sempre com singeleza, dispensando os adornos e enfeites, da moda, por serem desnecessários para completar sua elegância e distinção. Despida de vaidades e preconceitos, tem um espírito elevado, não desfazendo de quem quer que seja (...) É bôa e caritativa, e por isso mesmo muito estimada. (...) Não há quem a conheça que não fique sua admiradora. Atenciosa e gentil, recebe sempre as amiguinhas com seu sorriso encantador.*¹⁴

¹³ NADAF, Yasmim Jamil. *Op.cit.*1993, p. 32.

¹⁴ A Violeta, Cuiabá. Agosto de 1941. Seção Perfil, p.13

A rigor, a seção “Perfil” procurava elaborar modelos de conduta para homens, mulheres, rapazes e, sobretudo, moças, que, assim como a senhorita C.M.B., deveriam ter como qualidades a delicadeza, a bondade e caridade para com o próximo, além de se comportarem com elegância e distinção perante a sociedade.

Outro exemplo significativo é a seção “Correspondência de D. Marta”. Surgida a partir de agosto de 1918, perdurando até 1940, essa seção editou as cartas ficcionais de Dona Marta, personagem que, segundo Yasmim Nadaf, teria sido criada por Maria Dimpina Lobo, uma das colaboradoras da Revista. Dirigindo-se sempre às leitoras como “Minhas Amiguinhas”, em tom professoral, D. Marta dava conselhos às “amáveis

leitoras”, ou fazia reivindicações de progresso para Mato Grosso, como exemplificado abaixo:

Caras amiguinhas

Nesta correspondência pretendo referir-me ao assunto magno que me prende a atenção presentemente; aquelle que se encerra nessa phrase que se tornou vulgar, graças a sua alta significação para os interesses da Pátria — Rumo ao Oeste! (...) É brado, inteligente e enérgico de quem comprehende o que é o Brasil (...) Pois foi comprehendido por S. Excia. o Snr. Dr. Getulio Vargas, illustre filho do Sul (...) Rumo ao Oeste na representação verdadeira da sã política do Paiz, com a escolha de illustres filhos desta nossa terra — D. Aquino, General Eurico Dutra, Capitão Filinto Müller, General Rondon para nobres e importantes missões; Rumo ao Oeste na defesa da saúde publica, no traçado das estradas, na construção de prédios na incentivação da agricultura e, por ultimo, coroando toda a sua benemerência pelo nosso Estado, a sua visita a esta Capital.¹⁵

¹⁵ *A Violeta*, Cuiabá. Outubro de 1938. Seção Correspondência de D. Marta, p. 8-9.

Em consonância com o discurso do regime estadonovista, essa correspondência de D. Marta, editada em 1938, por ocasião da visita do presidente Vargas a Mato Grosso, também se traduzia no ideário da Marcha para Oeste: a imagem do progresso em marcha, sendo conduzido pelo grande líder da nação e os novos bandeirantes, ilustres filhos da terra que, juntos, seriam responsáveis pela pacificação e civilização do bravo sertão mato-grossense.

Também é possível destacar a publicação de alguns textos de renomados escritores da literatura universal e brasileira, tais como o de Rui Barbosa “5 de novembro – Dia da cultura”¹⁶, publicado em novembro de 1943, como parte das homenagens ao dia da Proclamação da República, e sonetos de Olavo Bilac como “Último Carnaval”¹⁷, publicado em fevereiro de 1940, que retratava a vida e morte de “herói folião”¹⁸. Tais textos compunham uma pequena amostra de seleção e intenção de formação de gosto dos leitores

¹⁶ *A Violeta*. Cuiabá. Novembro de 1943, p. 13.

¹⁷ *A Violeta*. Cuiabá. Fevereiro de 1940, p. 9.

¹⁸ *A Violeta*. Cuiabá. Janeiro de 1941, p. 10.

por parte da revista.

Nessa mesma linha, pode-se destacar os escritos de Victor Hugo, cujos recortes em suas obras procuravam ressaltar o exemplar, como no texto “A Mulher”¹⁹, no qual, o autor descreve as qualidades naturais inerentes ao feminino, representando a mulher como um “ser delicado, sublime, sensitivo que, ao chegar a maternidade” é o ser por excelência de amor e de justiça uma vez que, “a mulher se faz benéfica, a mulher se faz digna sendo mãe”. Com isso, *A Violeta* esforçava-se para divulgar as características naturais femininas como a delicadeza e a sensibilidade, valores idealizados para as mulheres, bem como, seu único, benéfico e digno papel: ser mãe.

¹⁹ *A Violeta*. Cuiabá. Agosto de 1941, p. 9.

No entanto, é preciso observar a existência de autoras da Revista que questionavam essas peculiaridades femininas. É o caso da professora Maria Dimpina Lobo, que teve sua vida marcada por realizações consideradas progressistas, à época. Bacharelando-se em Ciências e Letras pelo Liceu Cuiabano, em 1909, exerceu magistério na Escola Modelo “Barão de Melgaço” e no Colégio Particular “São Luiz”, do qual foi fundadora e diretora. Ingressou no funcionalismo federal por meio de concurso público para postalista dos Correios e Telégrafos, tornando-se a primeira mulher a exercer cargo público em Mato Grosso. Além disso, foi uma das fundadoras do Grêmio Literário “Júlia Lopes”, da Escola Doméstica “Dona Júlia Lopes de Almeida” e da Federação Matogrossense pelo Progresso Feminino.²⁰

²⁰ Dados obtidos em: NADAF, Yasmim Jamil. *Op.cit.* 1993, p. 59-60.

Numa de suas crônicas, intitulada “As meninas”, publicada em *A Violeta*, de agosto de 1941, Maria Dimpina aferia sua opinião a respeito da formação social da mulher.

“As Meninas

Responsáveis pela formação física, moral e espiritual das novas gerações das quais elas serão mães e educadoras, estarão elas,

com o curso ginasial apenas, aptas para o desempenho da sua mais nobre missão? (...) Muito digno de louvores é o interesse pelo desenvolvimento intelectual que confere o curso secundário ginasial. Mas nem sempre pode chegar até esse ponto a educação da mulher. Umas, em casa, aprendem o necessário para não serem de todo inexperientes na vida. Outras têm, como pendor natural, o instinto da educação doméstica. Mas, serão todas assim? Não serei eu a única a pensar, com interesse, neste problema do qual depende in totum a nossa formação social. Pensar não é bastante; precisamos de agir.”²¹

²¹ *A Violeta*. Cuiabá, agosto de 1941, p. 1. (grifo nosso)

Pode-se observar a reivindicação e conclamação da autora aos leitores a lutarem para a ampliação da educação feminina, destoando de discursos que limitavam a função social da mulher ao papel materno. A indagação da autora, “mas serão todas assim?”, questionava o tradicional lugar da mulher reclusa ao âmbito doméstico. Deste modo, Maria Dimpina reivindicava não apenas a possibilidade de maior acesso feminino á educação, mas a ampliação dos espaços de atuação das mulheres na sociedade.

Na mesma linha de raciocínio, vinha o artigo de três páginas (algo incomum nas edições da Revista) intitulado “A educação antiga e moderna da mulher brasileira”, de Raymunda Socci, publicado na edição de dezembro de 1941 de *A Violeta*:

A história da mulher no mundo é conhecida e muito se tem escrito sobre ela, desde a escravidão até o grau de aperfeiçoamento a quase soberania social a que chegou nos centros cultos.

Na antiguidade era a serva submissa, a mártir a “coisa possuída”, a sua ocupação social restringia-se ao trabalho caseiro e à sua função, aliás divina, à maternidade.(...)

A Mulher, segundo a rotina antiga por educação ou por índole, vivia numa apatia cruel, ignorando tudo, restringindo a sua liberdade, desconhecendo os seus direitos, confiando cegamente nos pais, irmãos e maridos (...)

Mas hoje elas se emanciparam, educaram o seu espírito e quando tocadas pelas necessidades ocasionais denotam rara energia,

sabedoria econômica admirável, verdadeiras estadistas de suas famílias. (...)

*Brasileiras, a vossa liberdade estará assegurada, quando a vossa ação econômica, educadora, intelectual e moral se tornar energia real no meio pátrio, porque há quem considere o trabalho feminino uma diminuição. É um grande erro, vos afirmo, pois quantas infelicidades a mulher pode evitar quando tem uma profissão! Não esperéis mais.*²²

²² *A Violeta*. Cuiabá. Dezembro de 1941, p. 5; 20-21.

O fato é que esses discursos muitas vezes se chocavam com o de outros autores que escreveram na revista e, sobretudo, com os ideais defendidos por boa parte das elites masculinas mato-grossenses que entendiam o papel feminino como exclusivamente o de filha, esposa e mãe.

Ainda sobre a publicação dos mais diversos tipos de textos destacam-se as produções de autores mato-grossenses, “ilustres filhos da terra”, tais como D. Francisco de Aquino Corrêa (1885-1956). Arcebispo da igreja católica em Cuiabá, presidente do Estado entre 1918 e 1922 e primeiro mato-grossense a se tornar membro da Academia Brasileira de Letras, em 1929, D. Aquino publicou em *A Violeta* quase todos os seus discursos retórico-religiosos e políticos, posteriormente transformados em livro, além de poesias e artigos de orientação para as famílias como:

O PÁTRIO PODER

D. Francisco de Aquino Corrêa

“Ó pais e mãis, afastais para longe de vós, tamanhas desgraças: Compenetrai-vos de que vos casastes para bem criardes os filhos tudo o mais é aí secundário. Se vossos filhos forem maus, o vosso casamento terá sido uma calamidade, não só doméstica, que também social. Mas se derdes filhos dignos à Igreja e à Pátria, tereis feito jus à mais rica das estátuas, ou melhor, os vossos próprios filhos serão outras tantas estátuas, vivas e gloriosas, a proclamarem, diante de Deus e dos homens, as vossas benemerências. É o caso de repetirmos aqui com o príncipe dos oradores roma-

nos: << Que maior ou melhor serviço podemos prestar à República do que ensinar e educar a juventude? >>

*(...) Os filhos, diz o sumo filósofo S. Tomás de Aquino, << são naturalmente alguma coisa dos pais >>”.*²³

²³ *A Violeta*. Cuiabá. Outubro de 1941, p. 3.

Nesse rol, também é possível destacar os escritos de José de Mesquita (1891-1961). Jurista, historiador, poeta, genealogista e cronista, esse autor foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, em 1919, e da Academia Mato-grossense de Letras, em 1921, da qual foi Presidente, desde a sua fundação até 1961, data de seu falecimento.

Mesquita teve marcante participação nas páginas da *A Violeta*. Publicou inúmeras poesias, várias de cunho regionalista e outras em que também emitiu representações sobre o feminino, a exemplo de “Folhas de Álbum”, coletânea na qual eram sempre dedicadas poesias a uma senhora da sociedade mato-grossense:

Folhas de Álbum

José de Mesquita

(No Álbum de D. Maria Fischer Leite)

“A alma da Mulher tem duas asas

Que elevam alto, junto à Divindade.

É com elas que, em surto, aos céus se ergue

Num revoar de espiritualidade.

Uma é o Afeto que vota ao Esposo, aos filhos.

Outra a dedicação à Humanidade

Só as almas eleitas as possuem:

*Chama-se aquela, — Amor; esta, — Bondade*²⁴

²⁴ *A Violeta*. Cuiabá. Dezembro de 1944. “Folhas de Álbum”, p. 11.

Assim como nos exemplos acima, as poesias, poemas, crônicas e artigos, publicados por outros autores, tiveram as mais diversas inspirações, como o regionalismo, o amor à pátria e, sobretudo, a idealização da mulher e seu efetivo papel na família. Talvez a edição dessa produção literária pela revista tivesse relação não apenas com os temas, mas com os autores, reve-

lando assim uma possível estratégia conciliadora entre as mais diversas opiniões sobre o papel da mulher na sociedade.

O fato é que a influência do Grêmio Júlia Lopes e de *A Violeta* na sociedade letrada (ou letranda) de Cuiabá e de Mato Grosso espalhou em muitos sentidos os objetivos a que se dispuseram seus colaboradores e associadas. O Grêmio não só registrou, como fomentou muito da vida cultural cuiabana e do Estado, promovendo ações e eventos culturais.

Dado importante a ser apontado é a distribuição gratuita dos exemplares de *A Violeta* a partir junho de 1935, momento em que a revista passou a ser financiada por colaboradores e colaboradoras pertencentes às camadas sociais mais abastadas de Cuiabá, os quais, não raro tinham suas fotos ou caricaturas publicadas nas páginas e capas da Revista, gesto que pode ser interpretado como uma forma de agradecimento, por parte das redatoras, pela colaboração recebida.²⁵

Outras formas de obtenção de recursos eram, de um lado, os anúncios, quase sempre junto ao “Noticiário”, os quais variavam de remédios, como o Regulador Gesteira, até a divulgação de empresas comerciais e a oferta de serviços autônomos de médicos e advogados, de outro lado, a execução de festas e eventos beneficentes realizados em prol do Grêmio Literário, a exemplo da *A Violeta falada*”, ocorrida em fevereiro de 1939, que contou com “números extraordinários de cantos, declamações e anúncios”²⁶.

Além desses, a Revista divulgava eventos que faziam parte de festejos da comunidade em geral, sempre úteis e instrutivos à sociedade mato-grossense, como se observa na crônica “Salve 21 de abril! Data memorável e brilhante”²⁷, assinada por Isabel de Campos, que descrevia a importância das comemorações cívicas e do festejo da data 21 de abril, observando-se, também, uma quantidade significativa de notícias sobre eventos realizados em benefício de entidades filantrópicas que, em geral, contavam com o envolvi-

²⁵ PAROLIN, Maria Inês. *A nação em A Violeta: um roteiro de leitura*. Dissertação de Mestrado em História. Campinas: Unicamp, 2003, p. 47-48.

²⁶ *A Violeta*. Cuiabá. Fevereiro de 1939, p. 11.

²⁷ *A Violeta*. Cuiabá. Abril de 1939, p. 05-06.

mento do Grêmio. Exemplo disso foi a campanha do Grêmio Júlia Lopes para a arrecadação de brinquedos e roupas em prol das crianças pobres cuiabanas, noticiada em *A Violeta*, de dezembro de 1938, e o apoio à campanha de D. Eunice Weaver a favor de melhorias aos leproários.

Dado importante que podemos obter, através da observação da participação dessas elites matogrossense nas campanhas filantrópicas, nos eventos culturais e cívicos, é alguma informação sobre o gosto ou o que se considerava como um divertimento saudável, civilizado e familiar.

Nesse sentido, há que se destacar que, entre 1918 a 1945, Cuiabá passou por importantes reformas culturais e de infra-estrutura, como a instalação de iluminação elétrica, o alargamento, em 1919, das ruas para o trânsito dos primeiros automóveis²⁸, a Reforma Sanitária Júlio Muller²⁹, cujo Regulamento Sanitário, de 1938, criou o Departamento de Saúde do Estado de Mato Grosso; a inauguração da Colônia de Leprosos de São Julião, em 1941, a fundação do Abrigo dos Velhos e do Abrigo Bom Jesus, para crianças carentes, a construção da ponte sobre o rio Cuiabá, da estação de tratamento de água e do Colégio Estadual de Mato Grosso.

Nesse período, definido por Lenine Póvoas como de consolidação dos ideais republicanos, em Mato Grosso³⁰, ao que tudo indica *A Violeta* firmaria um pacto com o Estado Novo de Getúlio Vargas, transformado, nas páginas do periódico, em símbolo de uma nova República, responsável pela culminância de um projeto progressista e civilizador para o Brasil e, sobretudo, para Mato Grosso³¹. Conforme o poema “Brasil Novo”, de Clefier de La Croix:

Brasil, cabloco rijo, leal e forte
Sob este céu tão lindo e tão azul,
Teus filhos caldeados pelo Sol, do Norte
Apertam as mãos dos filhos teus, do Sul

²⁸ Essas obras fizeram parte das comemorações do bicentário de Cuiabá e do descobrimento de Mato Grosso.

²⁹ A Reforma sanitária Júlio Müller — que deveria representar um avanço nas questões de Saúde Pública em Mato Grosso, no sentido de favorecer uma maior e melhor interferência e atuação do poder instituído nos problemas enfrentados pelas camadas menos favorecidas da sociedade não saiu do papel. NASCIMENTO, Heleno Braz do. *A lepra em Mato Grosso: caminhos da segregação social e do isolamento hospitalar (1924-1941)*. Dissertação de Mestrado em História. Cuiabá: UFMT, 2001. p.152.

³⁰ PÓVOAS, Lenine. *Síntese da história de Mato Grosso*. 2. ed. São Paulo: Resenha, 1992. p.41-91.

³¹ NADAF, Yasmim Jamil. *Op. cit.* 1993. p.198.

*Num amplexo de amor, de luz e de grandeza
bem cedo crearás por entre sóis
a tua raça própria cheia de firmeza
e em todos os filhos teus enxergarão heróis,*

*Já são outros os tempos, os tempos estão mudados,
Os teus inimigos cruéis, falsos e malvados
temem aproximar-se já de tuas plagas.*

*É que para honra e glória do teu povo,
Brasil, tu marchas num Estado Novo
Sob o pulso viril de um GETULIO VARGAS.³²*

³² *A Violeta*. Cuiabá. Dezembro de 1942, p. 20.

Pode-se observar, em *A Violeta*, a adoção um discurso nacionalista que responde ao ideal de pátria proposto pelo regime varguista. Os textos do periódico assumiram, então, uma feição de civismo, delegando diretamente ao papel social idealizado para a mulher a responsabilidade no cuidado de sua pequenina pátria — a família — ou de sua grande pátria, a nação. Com isso, *A Violeta* cumpria o objetivo do “desenvolvimento intelectual da mulher matogrossense”, informando e formando em seus leitores o ideal de nação e o ideal de mulher.

Para tanto, havia todo um investimento na figura da mulher como símbolo do progresso da nação, como se observa no artigo de Yvone de Barros Machado, “A hora é da maior união nacional”³³, no qual a autora argumentava sobre o papel feminino no estabelecimento de uma “fraterna união nacional” para o avanço do país.

³³ *A Violeta*. Cuiabá. Abril de 1943, p. 8.

Em meio a essa discussão, a instituição família era apresentada como baluarte da preservação dos “bons costumes” — expressão amplamente utilizada nos artigos do arcebispo D. Aquino, a exemplo do citado O Pátrio Poder, em que a educação exemplar dos filhos os tornariam dignos da Igreja e da Pátria. Deste modo, a Igreja, nas páginas da revista, determinava os papéis sociais que os cônjuges deveriam cumprir na socieda-

de, bem como a formação moral das novas gerações de servirem a Deus e a Nação.

Esse projeto moralizador, defendido pelo clero cuiabano por meio de seu porta-voz, o arcebispo D. Aquino, alertava aos leitores de *A Violeta* sobre a perigosa transição dos costumes vinda com “modernidade”, terminologia comumente utilizada nas páginas da Revista, podendo a mesma ser compreendida como um choque com o “tradicional” ou com o padrão moral instituído.

Posturas que tivessem a ousadia de contrariar o padrão vigente, concorrendo para a desagregação da “harmonia” familiar, deveriam ser reprovadas, como sugere a crônica de Maria Dimpina, publicada em setembro de 1945, condenando o projeto de lei propondo a criação do divórcio:

*Nesta época em que a tranqüilidade do lar e o respeito à probidade da família estão ameaçados pela propaganda ignominiosa do divórcio, dos casamentos provisórios e de outras imoralidades que tais (...) Não pode, digamos com fê e convicção, passar no Brasil, aos aplausos e palmas dos propagandistas dos amores livres, defendida pelo silêncio dos tímidos e comodistas, acobertada pelo apóio de uma duvidosa e falsa moral, uma lei que irá aumentar e incrementar a desunião dos esposos, quebrando essa indissolubilidade conjugal, que é o meio seguro de garantir a paz e a tranqüilidade dos filhos, o sossêgo tão agradável de uma velhice confortada pelo aconchego de um amor sincero e confiante...*³⁴

³⁴ *A Violeta*. Cuiabá. Setembro de 1945, p. 1-4.

Aqui, a condenação ao divórcio estava ligada a uma idéia de casamento como forma de preservar a ordem social através da “boa formação” das famílias. Desse modo, a iniciativa de deixar o lar, partindo tanto dos homens como das mulheres, demonstrava o fracasso do modelo de casamento adotado, nas décadas de 1930-40, pela Igreja e pelo Estado, reforçado pelas autoridades médicas:

O Estado não só apresentava incentivos materiais para estimular casais a se casarem e a ter filhos, mas também empregava técnicas mais coercitivas para fazer cumprir as normas modernas. Entre estas, a aprovação de leis 'protetoras', que limitavam a participação das mulheres na força de trabalho, a utilização de sanções penais antigas e novas para punir infratores graves e o desenvolvimento de um corpo de assistentes sociais encarregados de monitorar o comportamento das famílias pobres. A Igreja, com o apoio do Estado, desenvolvia ampla rede de organizações leigas que penetravam todos os aspectos e classes da sociedade urbana, com o propósito de difundir sua doutrina social conservadora. Os psiquiatras definiam os limites da 'normalidade' e contribuíam para que esses limites fossem observados mediante a instalação de asilos em que os dissidentes eram segregados da sociedade (...). Em suma, as relações íntimas entre homens e mulheres tornaram-se objeto de vigilância e controle público cada vez maiores, tendência que acompanhava e complementava as tentativas crescentes do Estado de passar a se envolver em todos os aspectos da vida social. (...) Justificando o papel que assumiam, sustentavam eles que 'o casamento é uma instituição eminentemente social. Interessa mais à coletividade do que ao próprio indivíduo'.³⁵

Assim, mesmo diante das transformações inerentes aos projetos de modernização e urbanização que ocorriam no período, bem como a inserção da nova mulher na sociedade, possivelmente para Maria Dimpina a concepção de lar doméstico, segundo o padrão moral instituído e construído a partir do casamento, tinha na mulher o sustentáculo básico. A mulher cumpria o papel social de esposa e mãe, reinava no lar com o objetivo de divulgar os ensinamentos cristãos, oriundos de uma educação severa e modelar, em que imperavam a obediência (tanto da mulher quanto dos filhos) e o temor a Deus, sendo então o divórcio uma transgressão das leis da Igreja, instituição para a qual o matrimônio duraria "até que a morte vos separe".

Na família idealizada nas páginas de *A Violeta*, muitas vezes, de cunho conservador, a mulher estava

³⁵ BESSE, S. K. *Modernizando a desigualdade* reestruturação da ideologia de gênero no Brasil: 1914-1940. São Paulo: Edusp, 1999. p.64.

incumbida de ser a “rainha do lar”, aquela que governava a família no espaço do privado, e, sobretudo, no divino cuidado com a prole. A maternidade, segundo a opinião das pessoas que escreviam na revista, era de renúncia aos prazeres do mundo e de total dedicação aos filhos, como na crônica de maio de 1942, em que a articulista Maria Dimpina descreveu a importância da maternidade:

*Saúdo-te, mulher incomparável, pelo, muito que fizeste para gran-
jejar o nome glorioso e santo de mãe!*

*Os sofrimentos físicos, os desvelos, as vigílias, os temores, os
cuidados, tudo foi para ti como espinhos dolorosos espalhados na
longa trajetória de tua vida, picando-te... ferindo-te ...*

Não fugiste... não abandonaste a rota...

*Um dia atingirás o apogeu da glória na felicidade e na glória de
teus filhos, que soubeste preparar com a tua lúcida inteligência,
qual outra Nancy Flyot, de quem o filho Tomás Edison disse:
“Minha mãe fez, o sou!”*

*Mas, serás talvez, Rosa Fonseca dando, já sexagenária e viúva,
seus filhos à Pátria, com estas palavras que merecem ser grava-
das nos corações maternos, em todos os tempos; “ Ide meus fi-
lhos, a Pátria precisa de vós mais que eu! ...”*³⁶

³⁶ *A Violeta*. Cuiabá. Maio de 1942, p.1-3.

No lar idealizado, a mãe, em um gesto de altruís-
mo e abnegação, tem a sagrada e patriótica função de
formar as novas gerações dentro dos bons costumes,
ensinando, sobretudo, em um período beligerante, o
sublime amor à pátria. Deste modo, as mães deveriam
encarar com orgulho a ida dos seus filhos à guerra,
uma vez que esta atitude incondicional de bravura à
nação demonstraria a prodigiosa educação dada por
elas.

Assim, a Revista ia instruindo o papel pedagógico
a ser cumprido pelos pais, sobretudo as mães, na ma-
nutenção e sucesso de um modelo moralizador,
civilizador e higiênico para a sociedade mato-grossense.
De geração em geração, deveria ser ensinada aos fi-
lhos a melhor maneira de se comportarem nos espa-

ços público e no privado. Neste sentido, as bases que sustentavam essa sociedade eram as instituições família e casamento que se apoiavam em uma idealização da mulher.

Sendo assim, a sociedade tinha na família o baluarte de sua existência, e esta, por sua vez, identificava no casamento, monogâmico e indissolúvel, uma base teoricamente firme. Já o casamento estava atrelado à figura feminina ideal como eixo principal da vida conjugal; essa idealização esposa-mãe-dona-de-casa provinha, segundo Margareth Rago, de um discurso burguês que buscava ordenar a sociedade.³⁷

Por fim, o processo de modernização dos espaços e costumes em desenvolvimento em Mato Grosso, durante o Estado Novo, tornou-se, ao mesmo tempo, objeto de crítica e aspiração por parte dos mais diferentes setores da sociedade. Em meio a essas transformações, *A Violeta* serviu de “caixa de ressonância” para vozes dos mais distintos grupos políticos expressarem suas opiniões, fossem progressistas, conservadoras ou moderadas, sobre a mulher mato-grossense.

No interior dessa diversidade de opiniões, há elementos que permitem vislumbrar um “pensar” sobre a construção de uma nova mulher, fundamentado essencialmente no perfil de uma nova mãe, virtuosa, dedicada e amorosa. As mulheres, respaldadas e autorizadas pelo enaltecimento do papel de mãe como regeneradora do homem e da sociedade, buscavam também ampliar seu espaço, promovendo a sua inserção em espaços públicos, através do trabalho fora do lar, da participação na imprensa e na política, setores até então monopolizados pelos homens.

Concomitante a essa nova postura feminina, *A Violeta* trazia opiniões como as da escritora Maria Dimpina Lobo, que buscava ampliar o universo feminino apresentando uma nova mulher, não apenas limitada como mãe e dona-de-casa. Através de seus discursos, Maria Dimpina propunha essa identidade negociando habilmente com setores mais conservadores da sociedade.

³⁷ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil: 1890-1930*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 82.

Deste modo, a escritora reivindicava avanços como a ampliação da educação feminina e uma maior inserção e liberdade da mulher no espaço público, mantendo, no entanto, os papéis que lhe foram conferidos pela Igreja, pela ciência e pela imprensa.

Em contrapartida, essa nova mulher encontrava maior resistência entre grupos sociais conservadores, que tiveram nas páginas da *A Violeta*, o arcebispo cuiabano D. Francisco de Aquino Corrêa como seu maior porta-voz. Através de seus escritos, D. Aquino procurava indicar o caminho “certo” a ser seguido por homens e mulheres, produzindo uma modelagem direcionada ao comportamento feminino, devido a sua vocação natural, na qual circunscrevia a mulher à esfera doméstica e às funções de esposa e mãe.

Deste modo, pensamos que o projeto da revista não seja uniforme, à medida que ele vai apresentando aos seus leitores diferentes orientações e opiniões sobre o papel da nova mulher.

Referências

ADORNO, Theodor. A indústria cultural. In: Gabriel Cohn (Org.). *Comunicação e indústria cultural: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e cultura de massa nessa sociedade*. São Paulo: Nacional, 1975.

ALBERT, P.; TERROU, F. *História da Imprensa*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Edunesp, 1998.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

ARIÉS, Philippe. A história das mentalidades. In: LE GOFF, J. (Org.). *A história nova*. 3. ed. São Paulo. Martins Fontes. 1995.

_____. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ASSIS, Machado de. *Helena*. Coleção grandes obras da língua portuguesa. Jaraguá do Sul: Avenida Santa Catarina. 2004.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1.

BICALHO, Maria Fernanda Baptista. *O belo sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do XX*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) UFRJ. Rio de Janeiro: 1988.

BITTAR, Marisa. *Mato Grosso do Sul: do Estado sonhado ao Estado construído (1892-1997)*. Tese (Doutorado em História Social) USP. São Paulo: 1997.

_____; FERREIRA JR, Amárico. De freguesia a capital: 100 anos de educação em Campo Grande. In: *Campo Grande – 100 anos de construção*. Campo Grande: Matriz Editora, 1999.

BITTAR, Mariluce. Política de educação na região sul de Mato Grosso e a influência da congregação salesiana. Comunicação apresentada ao *VI Congresso Internacional da Brazilian Studies Association – BRASA*, Atlanta, Geórgia/USA, 4 a 6 de abril de 2002.

BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Portugal: Publicações Europa-América, 1976.

BURMAN, Erica. *La desconstrucción de la psicología evolutiva*. Trad. José Luis González Díaz. Madrid: Visor. 1998.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Estado Novo: novas histórias. In: FREITAS, Marcos Cesar de (Org.). *Historiografia brasileira em*

revista. São Paulo: Contexto/USF, 1998.

_____. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e peronismo*. Papirus: Campinas, 1998.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Org). *Domínios da História*. Ensaios de teoria e metodologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARELI, Sandra da Silva. Abaixo as “mães desnaturadas”: estratégias da imprensa rio-grandense na construção do aborto provocado como uma prática nociva à sociedade. Texto disponível nos *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História*. História: Guerra e Paz. Universidade Estadual de Londrina. 2005.

CASSIANO, Luiz de Carvalho. *Marcha para Oeste: um itinerário para o Estado Novo (1937-1945)*. Dissertação (Mestrado em História) UnB. Brasília: 2002.

CENTA, Maria de Lourdes e ELSEIN Ingrid. Reflexões sobre a evolução histórica da família. *Revista família, saúde desenvolvimento*, Curitiba, v.1, n.1/2, p.15-20, jan./dez. 1999.

CORREA, Dom Aquino. *Terra natal*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 3 ed. 1940.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa. Difel, 1990.

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Mulheres sem história. *Revista de História: nova série*. São Paulo: USP, n. 114, jan./jun., 1983.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. 7. ed. Rio de Janeiro: Difel, 1981.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. *História da sexualidade, 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal. 1980.

_____. *História da sexualidade, 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal. 1985.

GALETTI, Lyliya da Silva Guedes. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. Tese (Doutorado em História) USP. São Paulo: 2000.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LASMAR, Cristiane. *Dicionário mulheres no Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

LE GOFF, Jacques. *A história nova*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LENHARO, Alcir. *Colonização e trabalho no Brasil: Amazônia, nordeste e centro-oeste*. Campinas: Unicamp, 1985.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MANOEL, Ivan Aparecido. *Igreja e educação feminina (1859-1910): uma face do conservadorismo*. São Paulo: Unesp, 1996.

MORENO, Gislaene. *Os (des) caminhos da apropriação capitalista da terra em Mato Grosso*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) USP. São Paulo: 1993.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica*. São Paulo: Ática, 1978.

NADAF, Yasmim Jamil. Sob o signo de uma flor. *Estudo da revista*

A Violeta, publicação do Grêmio “Júlia Lopes” – 1916 a 1950. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro. *Estado Novo: ideologia poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PAROLIN, Maria Inês. *A nação em A Violeta: um roteiro de leitura*. Dissertação de Mestrado em História. Campinas: Unicamp, 2003.

PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas*. Uma questão de classe. Florianópolis: UFSC, 1994.

_____. Mulheres do sul. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

PERROT, Michele. Em que pé está a história das mulheres na França. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Marco Zero/ANPUH, v. 15, n. 28, 1995.

_____. *Os excluídos da História*. Petrópolis: Vozes, 1987.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: Imaginando o Imaginário. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Contexto/ANPUH, v. 15, n. 29, 1995.

RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar — a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

REIS, Maria Cândida Delgado. *Tessitura de destinos: mulher e educação*. São Paulo: Educ, 1993.

ROHDEN, Fabíola. *A construção da ‘natureza feminina’ no discurso médico*. Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

ROSSI, Michelle Pereira da Silva; INÁCIO FILHO, Geraldo. As congregações católicas e a disseminação de escolas femininas no triângulo mineiro e alto paranaíba. *Revista HISTEDBR* On-line,

Campinas, n.24, p.79-92, dez. 2006.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História*. Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp, 1991.

SIMILI, Ivana Guilherme. O que virou moda na guerra? As voluntárias da Legião Brasileira de Assistência no Jornal Correio da Manhã. Texto integrante dos *Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo*. ANPUH/SP – UNESP/ Assis, 24 a 28 de julho de 2006. CD-Rom.

SIMIONATO, Marlene Aparecida Wischral e OLIVEIRA, Raquel Gusmão. Funções e transformações da família ao longo da história. *Anais do I Encontro Paranaense de Psicopedagogia – ABPppr* – nov. 2003.

SOHIET, Raquel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História*. Ensaios de teoria e metodologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

_____. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana (1890-1910)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.